

# **HISTORIAS E ESTORIAS CURTAS**

**Eduardo Stotz**

## ÀS VEZES QUANDO VOLTO PARA CASA

Às vezes, quando volto para casa, acontece uma estranha situação: diante da janela fechada do andar térreo do prédio da esquina lembro-me da algazarra dos meninos lá dentro com o casal de papagaios. Chamavam: Alfredo! O macho gargalhava, a fêmea assoviava. Repetiam: Alfredo! O papagaio macho replicava: Alfreeedo! Toda a vizinhança que frequentava o boteco do “seu” Manoel no sábado perto da hora do almoço fazia eco: Alfreeedooo! Entretanto, depois que o “seu” Manoel nos deixou, escorraçado do minúsculo boteco pela agência bancária proprietária do imóvel, nunca mais bebemos cerveja estupidamente gelada acompanhada de torresmo no caldinho de feijão. Pois não é que até os papagaios emudeceram? O cano d’água não furou, mas, em compensação, a roseira da dona Didi murchou. Ela era uma velhinha, tão velhinha, miúda, esquelada, parecia que o vento seria capaz de levá-la do chão debaixo dos nossos olhos para o longínquo horizonte do mar. Divertido mesmo era vê-la às turras com Baleia, a cadela pernetta, tentando puxá-la pela correia, mas sendo vencida, a cada centímetro, na direção oposta, até ser arrastada ao meio fio da rua, onde, numa pachorra digna de pequena divindade oriental, o animal encalhava com seu peso. Esse amor pelos bichos era curioso no caso de Sofia, uma mulher extravagante em matéria de roupa e pintura que se sentava na banquetta junto ao balcão para tomar cerveja com os frequentadores do boteco, principalmente ao lado do escafandrista aposentado e seu inseparável cachimbo sherloqueano, de costas para os três jogadores de porrinha que bebiam em torno de um barril improvisado de mesa. Num turbante enrolado sobre a cabeça dela dormitava o gato Céchi (não o gato *de* Cheshire, mas simplesmente Céchi assim como se pede “uma brama, por favor”); a dona movimentava-se com elegância para mantê-lo equilibrado enquanto conversava animadamente com o escafandrista. Então, um pouco mais na ponta da bancada, eu recebia o troco da compra de duas cervejas e me despedia. Na rua, passavam por mim o bombeiro-gazista, a louquinha filha da mãe solteira, o entregador de jornais e o porteiro do edifício. Eles me cumprimentavam, eu acenava para eles. Antes de dobrar a esquina grito “adeus!” e – no exato instante em que o semáforo abre passagem ao turbilhão de automóveis, motocicletas e ônibus – a dimensão do espaço-tempo volta a se constituir.

## A PARTIDA

Inevitavelmente comecei a separar-me mentalmente dos primos e amigos com quem dividira os dias e as noites da adolescência passada naquela pequena cidade. Ficariam para trás as experiências inspiradas em artigos da revista Mecânica Ilustrada, como aquela, verdadeiro espanto, de captar ondas de rádio mediante um esquema de fios conectados numa pedra de minério de prata, a galena. Não mais os encontraria no bar perto da estátua da Joanhinha – aquela que, uma vez submersa pelas águas do rio, tornou-se o registro, na memória social, da mais devastadora enchente de todas as épocas – para conversar sobre qualquer novidade local, principalmente das garotas, noites adentro, em meio aos chopes e ao fumo. Política era assunto do mundo exterior que nos alcançava por meio da televisão, motivo de acaloradas discussões, tempos mais tarde, com outro amigo que, embora um pouco mais velho, trabalhava e vivia por conta própria. Transcorriam na sua morada, um quarto de sótão do restaurante mais frequentado do centro da cidade. Não assistiria mais à passagem do desfile semanal das prostitutas da boate do Zé Navalha atravessando a rua principal em suas bicicletas, com a cafetina Fani na dianteira, em direção ao consultório do Doutor Nicanor, clínico geral e ginecologista da saúde pública urbana, garantia do controle sanitário da população. Também não ouviria mais os assobios das operárias postadas no alto das janelas do prédio da fiação quando por ali passava a caminho de casa, numa inversão curiosa de pontos de vista. Definitivamente, jamais levaria para a cama a cobiçada Nanete, a flor da classe operária local cultivada no pântano dos ricos. Havia outras, inalcançáveis no sentido socialmente oposto, como a Natália que frequentava a mesma escola de ensino médio. E por falar em escola, sentiria mais falta, dentre os professores, do professor Manfredo, excelente em Matemática. Dele guardaria a imagem de um velho homem atarracado, baixo, enérgico, um pouco curvado, quem sabe assombrado com o paradeiro desconhecido de Cláudio, lembrado a cada natal pelo cerco que a polícia política, vinda da capital, fazia à espreita da volta do filho pródigo.

## O ruço

Na chegada à cidade depois de uma semana de trabalho viajando pelo sul do país, deparou-se com o trânsito tumultuado. Eram os preparativos para a festa anual. Ademais o acesso da rua do canal costuma ser interrompido, lembrou-se. Havia algo mais: a vinda dos turistas-sacoleiros que, aos magotes, exigiu o aumento da frota de ônibus. Para piorar a situação, quando atingiu a praça que dava acesso à sua casa, deparou-se com um funeral. O seguimento lento da comitiva atrás do carro da funerária serpenteava na estrada ladeada pelo cemitério. Então, na grande curva que subia o morro, pouco antes do último portão da entrada para os mortos, o rabecão, para o espanto geral, enguiçou. Nem se passou um minuto e, no final do cortejo, uns cem metros abaixo, motoristas começaram a buzinar. No desespero de se evadir da paralisação, tentaram, simultaneamente, retornar. Inevitavelmente três dos veículos bateram entre si. Em meio à gritaria de xingamentos e de pedidos de respeito de ambas as partes e um buzinaço a ecoar a confusão para a distância, o evento acabou por bloquear o movimento na estrada de mão dupla. Logo toda a região central estava paralisada.

Quando finalmente conseguiu pousar a mala na sala do apartamento, deu-se conta de que a tarde avançava. Após um lanche, resolveu descansar; deitou-se com a lembrança de uma construção da qual participara. Entrou na obra interrompida em meio a uma discussão a respeito da responsabilidade pelas tarefas e ganhos. Uma vez que o mestre de obras não aceitava levá-las adiante pelo preço estipulado, os trabalhadores ganhariam somente pelos dias de trabalho. Na verdade desde o início obra fora mal concebida e encaminhada. Pau que nasce torto não tem conserto, alguém disse. Então simplesmente abriu os olhos para ver: nuvens fechando rapidamente o céu enquanto o sol se reclinava. Estranhamente tudo estava claro. Aproximou-se da janela e, apoiado no parapeito divisou um mundo branco, informe, espesso e cego.

## QUEIJO COALHO

José Luiz aproximou-se de Antonio pequenino e perguntou: *então, como vai esta força? Jogando muito futebol? (...) e bolinha de gude, você gosta? (...) Está bem, se não quiser responder não precisa, mas quando eu disser para você respirar fundo, faça isto, está bem?*

Este era, via de regra, o tom da consulta pediátrica mensal, inicialmente lá no Posto de Assistência Médica do INAMPS da Rua Voluntários da Pátria, depois na Avenida Venezuela. Numa ocasião, avistei em cima da mesa um queijo coalho. Como demonstrei surpresa por encontrar este objeto em cima da mesa de um médico, ele me perguntou:

*Você quer saber como este queijo veio parar aqui?*

Então contou a seguinte história:

*Meses atrás, o PAM recebeu um chamado para transportar um operário em estado grave numa obra lá na Barra da Tijuca. Eu estava de plantão, acompanhei a ambulância. Ao chegarmos, o encarregado da obra me apontou uma casa de madeira que funcionava como dormitório. Disse apenas – o rapaz está lá dentro. Entrei num quarto completamente às escuras. Deitado sobre um catre, um jovem estava encolhido como um feto, hirto. Tentei conversar com ele, sem sucesso. Mandei trazer a padiola e o levamos para a ambulância. Durante o trajeto de volta em direção ao hospital para onde devíamos levá-lo, fiquei ao seu lado falando. Perguntei de onde era, “porque com essa sua cabeça chata você deve ser do Ceará, eu também sou nortista, mas a minha família é de Recife...” Aí pelas tantas, o rapaz já tinha relaxado. “O que aconteceu com você?” Então, demonstrando um nítido alívio do sofrimento, contou que estava trabalhando muito gripado, continuou mesmo assim, não tinha outro jeito. Uma noite sentiu a garganta apertar, não conseguia respirar direito, pensou que ia morrer. Não queria morrer sozinho, ali naquele lugar onde não conhecia ninguém, longe de casa, da família que era cearense.*

*No impasse, entrou em crise catatônica. Meses depois passou por aqui. Reconhecimento, afetividade - concluiu, olhando para o queijo em cima da mesa.*

## Cena em movimento

*Olha lá um balão de sorvete,* diz o pai, sorrindo um sorriso banguela.

*Onde?* pergunta o filho pequeno.

*Derreteu,* responde o pai. Ato imediato, dá um tapinha de leve no rosto do garoto, com o comentário, sério:

*Isso é prá aprender a não ser otário!*

A brincadeira repete-se duas vezes e depois pára. Passa-se um tempo com os dois em silêncio.

O garoto aparentemente aquietado, talvez remoendo as palavras do pai. Este, por sua vez, simplesmente olha da janela para a rua.

*Olha lá um balão de sorvete!* grita o menino.

*Onde?* pergunta o pai que, imediatamente caindo em si, acompanha a gargalhada geral dos passageiros, quase pondo abaixo o ônibus.

## O VENTO DE ARACATI

Entre o mar e o sertão, o vento. O clima cearense, de janeiro a julho, é chuvoso. Entre janeiro e fevereiro, há muitos alagamentos, com ressacas. De julho a dezembro vive-se uma época de calor, ventania e as chuvas do caju. Importante nessa época é o que vem do leste; mais importante ainda é saber esperar este vento:

*Muitas vezes, na época em que eu trabalhava em Icó, terminava o dia de trabalho e ia esperar o vento de Aracati. Chegava depois das seis horas da tarde, era uma coisa fantástica, disse Lucia.*

*E de onde vinha o vento?*

*Vinha do mar...*

*Demorava para...*

*...chegava lá dias depois, uma brisa fria, a gente sentava no alpendre da casa, esperava chegar. Naquele sertão quente era um sonho.*